

Caixa de ilusões

Quem assiste a uma peça teatral ou a um show musical, nem sempre se dá conta da logística ou complexidade que move o espetáculo e o espaço teatral

Como funciona um teatro, como se organizam a circulação e os camarins, como se movimentam os cenários, como se controlam a luz e o som, o que é uma coxia? Essa logística tem um nome: arquitetura cênica ou cenotécnica. Arquitetura que se apóia numa estratégia ou metodologia, capazes de criar condições para o funcionamento de um teatro.

A metodologia abrange dois momentos. Um, diz respeito à estruturação do próprio edifício que vai abrigar o espetáculo e, outro, à organização espacial que dá suporte ao conjunto cênico. A partir disso, estabelece-se uma relação entre as diferentes áreas que fazem parte da arquitetura cênica.

Um campo cujo domínio pertence ao arquiteto cênico. A ele cabem as especificações técnicas de iluminação cênica e cenotécnica. A instalação adequada de um teatro exige conhecimento e vivência profissional para evitar problemas técnicos que possam prejudicar todo o projeto?, adverte J. C. Serroni ? diplomado em 1976 pela Fau/Usp, onde foi aluno de Flávio Império e Abrahão Sanovicz ? autor do projeto cênico do teatro do Sesc de Araraquara. ?Existem detalhes sutis que exigem atenção. O piso do camarim, por exemplo, não deve ser cimentado ou revestido com material frio. É preciso lembrar que muitos atores costumam caminhar descalços durante o espetáculo e os ensaios. A escada do tipo caracol e as portas estreitas também podem criar obstáculos para a circulação e o acesso?.

Ao arquiteto cênico, enfim, cabe fazer a ponte entre o projeto arquitetônico, o espaço teatral e o público ou usuário. Ou seja: estruturar e organizar, com a participação conjunta de outros consultores, os espaços interno e externo do teatro, de acordo com um programa de atividades e necessidades definido para provocar uma interação de palco, platéia e tipo de espetáculo que se pretende apresentar.

Áreas como cenotécnica, acústica, iluminação cênica, conforto ambiental e sonorização exigem a participação de consultorias técnicas específicas. A cenotécnica envolve, ainda, o setor de maquinarias, instalações e mecanismos de palco: elevadores, pisos móveis, varas que movimentam os cenários, urdimento, vestimenta, varandas, cortinas. Tudo isso faz parte dos mecanismos que vão criar a ?caixa-preta? ou a caixa de ilusões e de fantasia, onde acontece o espetáculo. O urdimento, oculto à visão do público, constitui o espaço volumétrico da caixa do teatro onde se desenvolve a maquinaria cênica, incluindo as varas metálicas, manuais ou elétricas, para a movimentação de cenários e telões. No caso do Sesc de Araraquara, construiu-se um palco italiano. Um palco separado da platéia por uma boca de cena, por uma quarta parede, a cortina.

Além disso, o projeto de cenotécnica deve definir o piso do palco. Um piso especial, de madeira, que deve ser móvel, por meio de módulos removíveis conhecidos como quarteladas, usadas para efeitos cênicos especiais. O proscênio ou plataforma, em frente ao palco, funciona como fosso de orquestra ou anexo do palco. No teatro de Araraquara, foram montados dois elevadores, que possibilitam ampliar o espaço do palco ou da platéia.

Quanto à iluminação, compete ao profissional organizar o setor de instalação das salas de dimmers, definir as angulações dos refletores, dimensionar as cabines de controle, as mesas de luz e definir a distribuição das tomadas e dos pontos de lógica.

A parte de vestimenta inclui a cortina de boca, os veludos, os tecidos antichama, as pernas laterais, as bambolinas e as rotundas, que fazem o mascaramento do palco, os painéis e os bastidores, compondo a área de atuação do ator. A coxia é composta pelas partes laterais do palco, ocultas do público para a preparação dos artistas antes de entrar em cena. Camarins, depósitos e oficinas de marcenaria, de pintura e de figurino, salas de apoio e serviços completam a lista de preocupações do arquiteto cênico. Cabe a ele, também, cuidar das circulações, dos acessos, da visibilidade da platéia, da segurança e sinalização.

J. C. Serroni

Limites da invenção

Quando um cliente precisa de um projeto específico para casa de shows ou área de espetáculos, qual o procedimento a cumprir?

Antes de tudo, procurar um profissional especializado, um arquiteto cênico. Hoje, no Brasil, existem vários profissionais nessa área, como Robson Jorge e Marcos Flaksman, no Rio, e Renato Scripilliti e Gustavo Lanfranchi, em São Paulo.

Sem dúvida, esse é um tipo de programa complexo.

Não basta entender de arquitetura. A cenotecnia envolve problemas de acústica, de luminotécnica, de espaço. Por isso, é necessário pesquisar, informar-se sobre as necessidades específicas do programa. O projeto pode ser adequado para teatro e não adequado para ópera ou vice-versa.

E como fica a arquitetura, nesse caso?

Quanto à arquitetura externa, à casca do teatro, o profissional tem toda a liberdade formal. Mas, na parte interna, não dá para inventar, há limites. O profissional deve obedecer a critérios bem específicos e contar com a colaboração de outros profissionais.

O mercado brasileiro está preparado para oferecer bons equipamentos e atender às solicitações do profissional?

Hoje está melhor. Existe uma sensibilidade maior em relação a isso. A demanda também aumentou. Muitas entidades e instituições, como o Banco do Brasil, o Itaú, o Sesc, as secretarias estaduais de Cultura, estão investindo na área teatral, fora os trabalhos de reforma, adequação e reciclagem.

J.W.